

A formação do Parque Peruche como território negro

Maria Gabriela Feitosa dos Santos

Orientação: Profa. Dra. Ana Cláudia Castilho Barone (FAU-USP).

Pesquisa: Iniciação Científica, bolsa Fapesp, FAU-USP, 2018-19.

Este artigo pretende caracterizar o Parque Peruche, na Zona Norte da cidade de São Paulo, como território negro, a partir de sua ocupação nos anos de 1940 e 1950. O bairro resultou do parcelamento do Sítio do Mandaqui no final dos anos 1930 e teve como primeiro contingente significativo populacional famílias negras migrantes de Minas Gerais e do interior paulista e grupos negros oriundos de bairros centrais da cidade de São Paulo, como Bixiga, Barra Funda, Lavapés e Santa Cecília. Na pesquisa, identificamos que a

conformação do Parque Peruche como território negro foi possível não só pela presença expressiva de moradores negros, mas também pela existência e atuação de organizações socioculturais desse grupo no bairro. Durante as primeiras décadas de ocupação do Parque, essas instituições, e suas similares no Rio de Janeiro e Salvador, estabeleceram um intercâmbio de práticas e saberes. Essa troca aponta para a organização dos negros em associação com instituições de outros estados já nas primeiras décadas do século XX.

Palavras-chave: território negro; Parque Peruche; instituições negras.

The formation of the Parque Peruche as a black territory

This article aims to characterize the Parque Peruche, in the North Zone of São Paulo, as a black territory, since its occupation in the 1940s and 1950s. The neighborhood resulted from the division of Sítio do Mandaqui in the late 1930s and had as its first significant population contingent, black migrant families from Minas Gerais and cities from the countryside of São Paulo, and black groups from central neighborhoods of São Paulo, such as Bixiga, Barra Funda, Lavapés and Santa Cecília. In the research, we identified that the conformation of Peruche as a black territory was possible not only by the expressive presence of black residents, but also by the existence and action of socio-cultural organizations of the group in the neighborhood. During the first decades of occupation of Peruche, these institutions, and similar ones in Rio de Janeiro and Salvador, established an exchange of practices and knowledge. This indicates that the organization of black people in association with institutions from other states had already been taking place in the first decades of the twentieth century.

Keywords: Black territory; Parque Peruche; black institutions.

La formación del Parque Peruche como territorio negro

Este artículo tiene como objetivo contribuir a la caracterización del Parque Peruche, en la Zona Norte de la ciudad de São Paulo, como territorio negro, desde su ocupación en las décadas de 1940 y 1950. El barrio resultó de la parcelación del Sítio do Mandaqui a fines de la década de 1930 y tuvo como primer contingente significativo de población, familias negras migrantes de Minas Gerais y el interior de São Paulo, además de grupos negros de barrios centrales de la ciudad de São Paulo, como Bixiga, Barra Funda, Lavapés y Santa Cecília. En la investigación, identificamos que la conformación de Peruche como territorio negro fue posible no solo por la expresiva presencia de residentes negros, sino también por la existencia y la actuación de organizaciones socioculturales del grupo en el barrio. Durante las primeras décadas de ocupación de Peruche, estas instituciones, y sus similares en Río de Janeiro y Salvador, establecieron un intercambio de prácticas y conocimientos. Este intercambio apunta a la organización de los negros en asociación con instituciones de otros estados desde las primeras décadas del siglo XX.

Palabras clave: territorio negro; Parque Peruche; instituciones negras.

1. INTRODUÇÃO

Os "redutos negros", existentes na cidade de São Paulo desde o final do século XIX, se configuravam como territórios negros definidos não só como espaços geográficos, mas também como espaços vividos e construídos pelas relações sociais e culturais desse grupo racial (ROLNIK, 1989). No período pré-abolição, a escravidão urbana no núcleo tímido de São Paulo resultou em uma "atenuação" do regime, possibilitando uma maior circulação do negro escravizado em busca de novas formas de ganho. Essa prática favoreceu o exercício de uma sociabilidade nos pontos periféricos da cidade e serviu, para o negro livre, como estratégia de sobrevivência adiante da ameaça da reescravização e da captura (WISSENBACH, 1998). Posteriormente, a exclusão social a que a população negra foi submetida, por força do preconceito racial e de sua substituição no mercado de trabalho pelo imigrante europeu, reforçou sua organização em espaços segregados, distantes do centro, onde o grupo poderia ter maior liberdade para a sua vivência e fruição (BRITTO, 1986). Assim, entre a virada do século XIX e os primeiros anos do século XX, a população negra morou em habitações precárias e cortiços, em bairros próximos ao centro, onde se concentravam as atividades comerciais e a elite, que lhe oferecia oportunidades de trabalho.

Contudo, o rápido crescimento de São Paulo e os planos de renovação e expansão urbana implementados após os anos 1920 — a "materialização" das propostas urbanísticas de engenheiros como Anhaia Mello e Prestes Maia —, levaram à renovação dos padrões de ocupação das áreas contíguas aos bairros de elite, como Barra Funda, Bela Vista e Baixada do Glicério. O decurso da implementação dessas intervenções incorreu em desapropriações e expulsões, levando a população que vivia de aluguel, entre as quais a população negra, a buscar moradia nos bairros mais distantes. Para ela, esses loteamentos na periferia da cidade tornaram-se também núcleos menos atingidos pela repressão policial, onde pode desenvolver sua cultura e recusar valores culturais dominantes impostos pela sociedade por meio de "aparelhos ideológicos", como a Igreja, o Estado etc. (BRITTO, 1986).

Exemplo dessas expressões culturais são o candomblé, o samba, as irmandades e outras associações recreativas e culturais do grupo negro.

O estudo do Parque Peruche nos mostra que a ocupação desse bairro periférico foi impulsionada também a partir da migração de famílias negras oriundas de Minas Gerais e do interior paulista. Essa compreensão foi possível por meio da realização de entrevistas com moradores e ex-moradores negros do Parque Peruche. Esse material estruturou parte significativa da pesquisa, auxiliando na caracterização do bairro como território negro. A precariedade do Parque Peruche que marcava a vida dos moradores nos primeiros anos de ocupação, conforme relatado nos depoimentos, também foi observada na leitura de dois periódicos da época. Cartas abertas de moradores e reportagens publicadas no "Jornal da Noite" e "Correio Paulistano" abordaram questões como a falta de transporte público, calçamento e pavimentação, saneamento básico e ocorrência de enchentes no Parque Peruche (BAIRROS..., 1949; OS BAIRROS..., 1947; ZUMBANO, 1946, 1947). As Atas da Câmara Municipal, acessadas pela biblioteca do Centro de Memória da Câmara Municipal de São Paulo, confirmam as mesmas precariedades no bairro (CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, 1948, 1949).

O estudo dessas fontes também aponta que, apesar da conquista da casa própria, a marginalização do grupo negro, que antes se apresentava nas moradias das áreas centrais, é transposta para a precariedade vivenciada nos loteamentos periféricos onde adquiriram terrenos (BARONE, 2020). Além disso, a manutenção dessa propriedade dependeu, muitas vezes, do assistencialismo dos políticos populistas, como aferido nas Atas da Câmara Municipal de São Paulo.

A partir da análise das fontes de pesquisa percebemos que o reconhecimento do Peruche como território afro-brasileiro parte da presença de moradores e de organizações socioculturais negras no bairro. Instituições como a Irmandade de São Benedito da Casa Verde e do Parque Peruche, a Escola de Samba Unidos do Peruche e o terreiro Ilê Iyá Mí Òsún Mùiywá foram importantes para a construção de uma identidade negra no bairro, sendo

reconhecidas na bibliografia consultada e acessadas por meio do contato com seus líderes e integrantes.

Além disso, identificamos uma importante interação entre essas instituições do Peruche e suas similares em outros centros urbanos. Os entrevistados afirmaram que suas instituições mantiveram relação direta com entidades no Rio de Janeiro a partir das décadas de 1940 e 1950. No caso do terreiro Ilê Ìyá Mí Òsún Mùíyá, o babalorixá Joãozinho da Goméia, que iniciou a mãe de santo responsável hoje pela casa, começou sua trajetória religiosa nos terreiros de candomblé de Salvador, que estavam em contato constante com a África, antes de herdar um terreiro no Rio de Janeiro (LODY, 2002; MENDES, 2014). O intercâmbio percebido na pesquisa entre as instituições do Peruche e suas similares no Rio de Janeiro e Salvador, aponta que os negros estavam organizados em associação com outros contextos urbanos. Nosso objetivo, portanto, é reconstituir essa malha de interações que engendraram uma rede de instituições negras no bairro e ajudaram a constituir naquele local um território negro.

2. A POPULAÇÃO NEGRA DO PARQUE PERUCHE

No início do século xx, a população negra habitou a área central da cidade de São Paulo e seu entorno em habitações de aluguel, cortiços e porões, sendo paulatinamente desalojada por sucessivas medidas de "melhoramentos urbanos" e obras de infraestrutura implementadas pelo poder público. A partir da década de 1930, esse grupo passou por um processo de periferização em razão da possibilidade de aquisição de terrenos a baixo custo, nos loteamentos que vinham sendo abertos em regiões distantes do centro urbano de São Paulo (BARONE, 2020). Localizado na Zona Norte, no distrito da Casa Verde, o Parque Peruche está entre essas periferias que receberam a população negra, que ansiava por melhoria social e estabilidade econômica.

O reconhecimento do Parque Peruche como território negro parte dos próprios moradores e ex-moradores, que foram entrevistados para a realização desta pesquisa. Os depoentes afirmam que

nas primeiras décadas de ocupação do bairro, entre 1940 e 1950, o Peruche se caracterizava como um reduto negro. Essa população era constituída de famílias negras que migraram de Minas Gerais e do interior paulista, e grupos oriundos de outros bairros centrais da cidade de São Paulo, como Barra Funda, Bela Vista, Lavapés e Santa Cecília.

Na bibliografia, em razão de o Parque Peruche pertencer ao distrito da Casa Verde, a história do bairro é muitas vezes compreendida a partir da memória do bairro vizinho. Nesses estudos, desde as primeiras décadas de sua ocupação, o Peruche é destacado como o bairro da Casa Verde com maior concentração de negros (OLIVEIRA, 2002; ROLNIK, 1989; SANTOS, 2018).

A fim de compreendermos o Parque Peruche como território negro consultamos os censos demográficos de São Paulo organizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para acessar as fontes demográficas e estatísticas oficiais. Os dados disponíveis dificultam uma avaliação da espacialização da população negra no município de São Paulo em grande parte do século xx. Os censos do IBGE de 1940 e 1950 apresentam apenas tabulações totais, sem discriminar dados por distritos. No ano de 1960 não foram coletados dados em relação à cor da população ou aos municípios, de forma que as tabulações são apresentadas por totais gerais do estado (IBGE, 1960). Em 1970, a variável cor também não entrou para o censo do IBGE, o que significa que apenas o recenseamento de 1980 apresentou dados suficientes para o estudo demográfico da população negra do Parque Peruche. Mais que isso, o censo do IBGE de 1980 nos auxilia a compreender a presença negra na Zona Norte de São Paulo e outras periferias que se conformaram a partir da década de 1930 (BARONE, 2019; ROLNIK, 1989).

De acordo com o censo (IBGE, 1980), a cidade de São Paulo possuía 8.493.217 habitantes. Desses, 24,61% eram negros (2.089.853). Na Casa Verde, os negros correspondiam a 22,1% do total de 110.633 habitantes que moravam no distrito. No restante da Zona Norte, a presença negra aumentava conforme se aproximava das bordas da cidade, Santana (21,3%), Tucuruvi (22,6%), Bairro do Limão (26,7%), até chegar na "África Paulista", a Brasilândia (42%)

(IBGE, 1980; ROLNIK, 1989). Esses dados demonstram que, apesar de a média de negros habitantes de São Paulo ser inferior a um quarto da população total da cidade no ano de 1980, essa população não estava uniformemente distribuída pelo território do município. À medida que se afastava do centro, a presença negra se igualava à média da cidade e ia aumentando em direção às bordas da cidade.

As entrevistas realizadas com moradores e ex-moradores negros do Parque Peruche indicam que, se em um primeiro momento a ocupação dos bairros na Zona Norte ocorreu em razão da possibilidade da aquisição de terrenos a baixo custo, no deslocamento para bairros ainda mais periféricos nessa região, imperaram outros fatores (DONA BADUCA, 2 out. 2018; MÃE WANDA; DONA ODETE, 9 fev. 2019; SEU CARLÃO DO PERUCHE, 8 nov. 2018). No caso do Peruche, a pressão imobiliária presente no bairro, após a chegada das infraestruturas básicas, forçou a venda dos terrenos por parte das famílias negras e sua consequente mudança para locais ainda mais distantes do centro urbano de São Paulo, como o bairro da Brasilândia (OLIVEIRA, 2002; OLIVEIRA, 2013). Outras dificuldades enfrentadas pelos moradores, como as enchentes no período de chuvas, também contribuíram para esses deslocamentos, conforme os próprios depoentes. No entanto, o material das entrevistas e das outras fontes consultadas não nos permite afirmar com certeza os motivos desses deslocamentos ou suas direções. Também não podemos inferir que a saída dessas famílias negras acarretou a descaracterização do Parque Peruche como território negro. Para tanto, compreendemos que precisaríamos realizar novas entrevistas e cruzamentos de fontes.

3. AS ORGANIZAÇÕES NEGRAS DO PARQUE PERUCHE

Compreendemos o Parque Peruche como território negro não só em razão da expressiva presença da população negra, mas também a partir da identificação de uma rede de cultura, religião e sociabilização afro-brasileira. A Irmandade de São Benedito da Casa Verde e do Parque Peruche, a Escola de Samba Unidos do

Peruche e o terreiro Ilê Iyá Mí Òsún Mùiywá são organizações negras presentes desde os primeiros anos da ocupação do bairro, nas décadas de 1940 e 1950. Na periferia da cidade de São Paulo, essas instituições tiveram maior liberdade de vivência e fruição do que em outras regiões.

O nascimento das organizações negras do Parque Peruche identificadas na pesquisa corresponde ao período, primeiras décadas do século xx, em que houve o esforço de formulação de uma identidade nacional baseada nas três raças que compunham a população brasileira. Sendo o negro parte integral da unidade nacional, viu-se a necessidade de compreender a colaboração do grupo afro-brasileiro para a construção dessa identidade. Naquele momento, celebrava-se a contribuição cultural do negro por meio do samba e do futebol, práticas destacadas sobretudo na cidade do Rio de Janeiro, então Capital Federal (ALBERTO, 2011). No entanto, a atuação das instituições negras do Peruche, e sua importância para a forja da identidade negra do bairro, indicam que a noção de unidade da população afro-brasileira estava sendo formulada não só no Rio de Janeiro. As entrevistas com os membros de algumas das organizações negras do Peruche apontam que essas entidades estavam interligadas por uma rede que extrapola os limites do bairro. O intercâmbio entre essas instituições e suas similares no Rio de Janeiro e em Salvador indicam que esses negros estavam organizados em associação com outros contextos urbanos.

Paulina Alberto (2011) mostra que o movimento negro do século xx, através de seus intelectuais e organizações socioculturais, ajudou a moldar o discurso sobre relações raciais e a ideia de democracia racial no Brasil moderno. Esse movimento pôde ser observado em Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo. A discussão, por exemplo, do monumento à Mãe Preta e a rota estabelecida entre Bahia e Lagos, apontam que esses negros mantinham relações para além de seus territórios, e que as ideias do movimento circulavam entre esses centros urbanos. Os intelectuais afro-brasileiros se apropriaram do discurso oficial sobre inclusão racial para reivindicar a integração do negro na sociedade brasileira através da democracia. O estudo das instituições negras do Parque Peruche

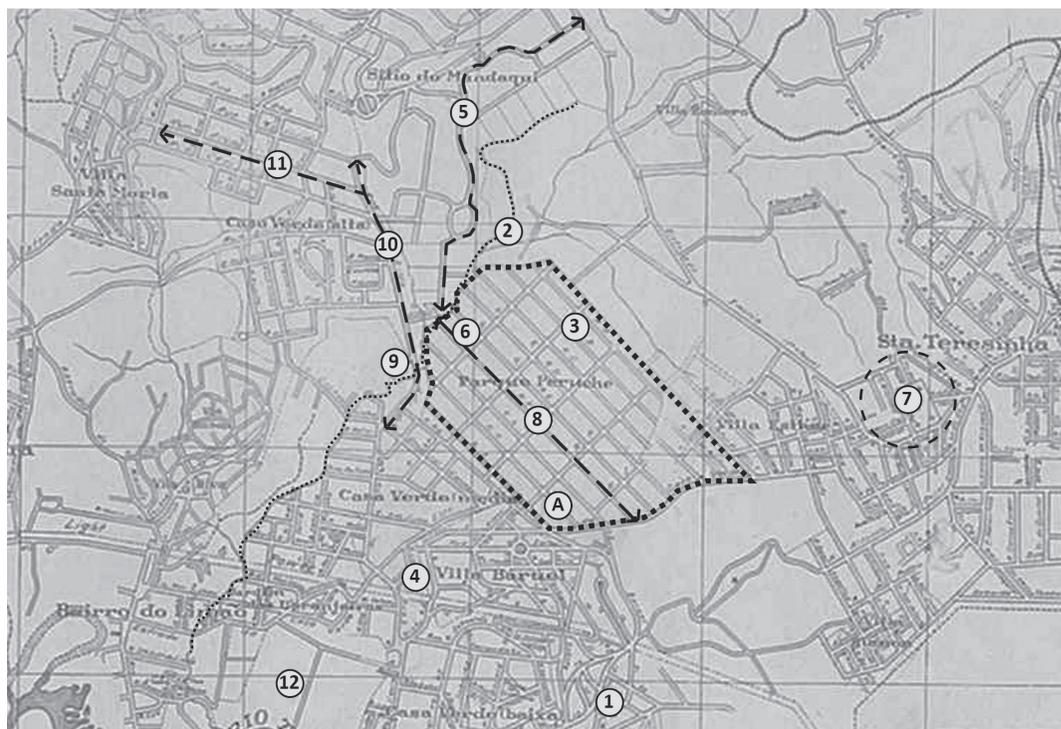


FIG. 1:

Organizações negras do Parque Peruche. O bairro corresponde ao perímetro destacado em pontilhado (A). (1) Praça Centenário na Casa Verde, ponto final do bonde, e depois do ônibus, que atendia aos moradores do Parque Peruche. (2) Córrego Mandaqui, atual Avenida Engenheiro Caetano Álvares. (3) Local onde ocorreram as primeiras reuniões da Irmandade de São Benedito da Casa Verde. (4) Igreja Nossa Senhora das Dores, sede atual da Irmandade de São Benedito da Casa Verde e do Parque Peruche. (5) Rua Epaminondas Melo do Amaral (terreiro da Dona Lucrécia). (6) Terreiro Ilê Iyá Mí Òsún Mùiywá. (7) Imediações do cemitério Chora Menino (terreiro do Tenente Eufrásio). (8) Rua Carlos Belmiro Correia (Sítio do Caqui). (9) Trecho da atual Avenida Engenheiro Caetano Álvares onde a Unidos do Peruche ensaiava. (10) Rua Zilda. (11) Rua Lavínio Salles Arcuri (quadra alugada da Unidos do Peruche até 1960). (12) Atual quadra e barracão da Escola de Samba Unidos do Peruche.

Fonte: ESTADO DE SÃO PAULO, 1943. Editado pela autora.

mostra que a população negra das classes mais baixas também se organizou para garantir seus direitos como cidadãos.

A fim de compreendermos a espacialidade da rede cultural, religiosa e social negra do Parque Peruche, desde a década de 1940, elaboramos um mapa indicando os locais ocupados pelas organizações afro-brasileiras no bairro (FIG. 1). A base utilizada é oportuna pois mostra que, na data de sua elaboração, em 1943, o bairro do Parque Peruche e os núcleos urbanos que o cercavam já existiam. Para o mapeamento, partimos dos pontos já conhecidos por nós, a localização da Irmandade de São Benedito da Casa Verde e do Parque Peruche, do terreiro Ilê Iyá Mí Òsún Mùiywá e da quadra de ensaios atual da Escola de Samba Unidos do Peruche.

A Irmandade de São Benedito do Parque Peruche foi criada na década de 1940, na

fundação da capela do Peruche, na Rua Valdemar Martins. O número expressivo de adeptos negros levou à votação de um segundo santo (além de São Francisco de Paula) para ser o patrono da igreja. A comunidade optou por homenagear o santo negro São Benedito. Essa escolha também foi influenciada pela existência de uma Irmandade de São Benedito no bairro vizinho ao Peruche, a Casa Verde. Na década de 1960, as duas irmandades se uniram e passaram a atuar sob o nome de Irmandade de São Benedito da Casa Verde e do Parque Peruche, com sede na Igreja Nossa Senhora das Dores.

Já o terreiro Ilê Iyá Mí Òsún Mùiywá foi fundado na década de 1960 e está localizado na Rua Carlos Belmiro Correia. Anteriormente, a mãe de santo Isabel de Omulu, antecessora da atual babalorixá do terreiro, tocava umbanda no mesmo

endereço. A casa é o único terreiro citado pela bibliografia consultada para reconstituir a rede mobilizada por essa instituição no Parque Peruche. Além das fontes secundárias, utilizamos nesta pesquisa o depoimento de Mãe Wanda para compreender a história do terreiro. A depoente relatou que o primeiro terreiro de candomblé que teve acesso foi o de Dona Lucrécia, na Rua Epaminondas Melo do Amaral, já do outro lado do Córrego Mandaqui (OLIVEIRA, 2002). Inicialmente, Dona Lucrécia tocava umbanda, mas após ter contato com um pai de santo do Rio de Janeiro passou a tocar candomblé. Apesar desse contato, Mãe Wanda só foi iniciada no candomblé em 1964, com 14 anos de idade, pelo babalorixá Joãozinho da Goméia. A mãe carnal da ialorixá, Isabel de Omulu, havia feito santo com o sacerdote no terreiro de umbanda do Tenente Eufrásio. Não sabemos a localização exata desse terreiro, apenas que ele ficava nas imediações do Cemitério Chora Menino (MÃE WANDA; DONA ODETE, 9 fev. 2019).

Os espaços ocupados pela Escola de Samba Unidos do Peruche também foram mapeados a partir dos relatos coletados nesta pesquisa. As primeiras reuniões da agremiação, fundada em 1956, eram feitas em bares do bairro ou na casa dos integrantes. Já os instrumentos utilizados eram emprestados por times de futebol de várzea da região, como o Monte Azul, Ponte Preta e Estrela do Azul, e as fantasias para o período dos desfiles eram confeccionadas por costureiras residentes no Parque Peruche. Para os ensaios, a Peruche foi a primeira escola de samba paulista a possuir uma quadra, o Sítio do Caqui ou Terreiro do Caqui, na Rua Carlos Belmiro Correia. O local funcionava não só como um espaço de ensaio, mas também de encontro das personalidades do samba paulista e de lazer para a população local (SANTOS, 2018). No começo dos anos 1960, a Escola foi obrigada a vender o Terreiro do Caqui, em razão de dificuldades financeiras e, por isso, passa a ensaiar na Rua Zilda. Os ensaios da agremiação ocorriam na área de várzea do Córrego Mandaqui, atual Avenida Engenheiro Caetano Álvares, no trecho entre a Rua Zilda e onde hoje se encontra o Terminal Casa Verde. A Rua Zilda também era palco dos desfiles voltados para a comunidade local, que a Unidos do Peruche promovia após o período dos desfiles oficiais no centro da cidade. Ainda na década de

1960, a escola passou a utilizar uma quadra na Rua Lavínio Salles Arcuri, antiga Rua Carmen, para viabilizar seus ensaios. Em 1968, a Prefeitura de São Paulo concedeu um terreno no bairro do Limão para a escola construir o seu barracão. Ainda hoje a agremiação tem o direito de uso do espaço.

4. A IRMANDADE DE SÃO BENEDITO DA CASA VERDE E DO PARQUE PERUCHE E OUTROS IRMÃOS

A história da Irmandade de São Benedito remete aos bantus, um dos povos africanos trazidos da África à força na condição de escravizados. Já no Congo, São Benedito e Nossa Senhora do Rosário haviam sido introduzidos à cultura local através de missionários europeus, principalmente os portugueses (OLIVEIRA, 2002). No regime escravocrata, em que a prática religiosa católica era imposta, o sincretismo presente nas irmandades de São Benedito e de Nossa Senhora do Rosário as tornou mais palatáveis ao povo bantu. Essas organizações cultivaram valores cristãos ao mesmo tempo que resgataram certos costumes africanos.

Entre o século xvii e século xix, a Irmandade de São Benedito, assim como a de Nossa Senhora do Rosário, se organizou em torno de três grupos, então considerados díspares: o dos negros, o dos mulatos e o das corporações (sapateiros, ferreiros etc.). Até o século xviii, essas confrarias religiosas se concentraram em regiões do Brasil que mais empregavam a mão de obra do negro escravizado para o desenvolvimento de suas atividades econômicas: Rio de Janeiro, Bahia e Minas Gerais (OLIVEIRA, 2002; QUINTÃO, 1991). Posteriormente, as irmandades também se tornaram presentes em regiões do interior paulista, como em Tietê, Campinas e Sorocaba, por conta da expansão da lavoura cafeeira. A participação nessas irmandades significava para o africano na condição de escravizado uma oportunidade de praticar suas manifestações religiosas, como o batuque e o culto aos orixás.

Em São Paulo, a irmandade mais antiga ligada aos negros é a dos Homens Pretos do Rosário, fundada em 1711 (QUINTÃO, 1991). Após o fim do regime escravocrata, as irmandades continuaram sendo um

instrumento para a população negra resistir à imposição cultural ocidental cristã, trabalhando para prestar auxílio espiritual e social aos afro-brasileiros. Em 1941, foi fundada a Irmandade de São Benedito no Parque Peruche, por ocasião da inauguração da primeira capela do bairro, para São Francisco de Paula e São Benedito. Inicialmente, São Francisco de Paula havia sido eleito como santo padroeiro da igreja. No entanto, em razão da expressiva presença negra no Peruche e da influência da Irmandade de São Benedito da Casa Verde, instituição do bairro vizinho, um segundo santo foi escolhido pela população, São Benedito. Nesse momento, de acordo com as entrevistas realizadas, a região recebia grande onda migratória de famílias negras em busca de trabalho oriundas de Minas Gerais e do interior paulista.

Nos anos 1940, a Irmandade de São Benedito do Parque Peruche nasceu em um bairro marcado pela penúria, em razão da falta de infraestrutura básica, e passou a atuar não só no plano espiritual, mas também na promoção cultural e social das famílias negras do bairro. A devoção e a família são valores importantes para a comunidade da Irmandade de São Benedito e se manifestam na celebração mais importante da instituição, a festa de São Benedito: “O sentido da festa do santo é reunir os devotos, irmãos e irmãs e celebrar junto às comunidades de São Benedito (irmandades) a religiosidade do negro, valores, fraternidade e ajuda mútua” (OLIVEIRA, 2002, p.166). O tempo da festa não é comum a todas as irmandades, podendo ocorrer na data de falecimento do santo ou da fundação da comunidade. Nos primeiros anos de atuação da Irmandade de São Benedito do Parque Peruche a comemoração ocorria na data do falecimento do santo, posteriormente passou a ser celebrado no dia 2 de fevereiro de cada ano, marcando o nascimento da irmandade. Compreendemos que o intercâmbio entre os irmãos de São Benedito da Casa Verde e do Parque Peruche e do Rio de Janeiro passou a ocorrer nesse contexto de festas ao santo.

A festa de São Benedito reúne todos os devotos e seus familiares, assim como outras irmandades convidadas. A participação de outras comunidades de São Benedito nos festejos ocorre não só em razão da fraternidade entre os irmãos, mas também

para a arrecadação de fundos para a realização da festa. As comemorações são uma oportunidade para as irmandades organizarem excursões de devotos para as localidades que abrigam outras comunidades. Os recursos levantados são revertidos para o fundo destinado à festa do santo. A relação entre as irmandades também é promovida através de laços familiares. Bruno Garcia dos Santos (2018) entrevistou Dona Lucinda, da Irmandade de São Benedito da Casa Verde, que no mês de outubro participava das festividades da Irmandade de São Benedito do Rio de Janeiro, devido à filiação de seus parentes a essa comunidade. A mãe de Dona Lucinda participou da fundação da Irmandade do Parque Peruche em 1941, após se mudar do Rio de Janeiro para São Paulo na ocasião de seu casamento.

Minha mãe nasceu em Bananal [São Paulo, Vale do Paraíba], mas foi criada no Rio de Janeiro, e bem mocinha ela veio pra cá e casou. [...] E quando é mês de outubro tem a Festa de São Benedito lá no Rio [RJ], eu vou pra lá, mas eu fico na casa dos meus parentes lá em São João do Meriti, em Caxias, sabe aonde é? É sempre no mês de outubro a festa lá [...]. (Depoimento de Dona Lucinda, 2018 apud SANTOS, 2018, p.75).

Foi por meio das festas que a Irmandade de São Benedito da Casa Verde e do Parque Peruche, desde a sua fundação, estabeleceu contato não só com outras irmandades negras de São Paulo — a exemplo da Penha e da Irmandade dos Homens Pretos do Rosário, no Paissandu —, como também com os irmãos das comunidades do Rio de Janeiro, Tietê, Sorocaba, Laranjal Paulista, Aparecida do Norte, Pirapora do Bom Jesus etc.

5. TERREIRO ILÈ ÌYÁ MÍ ÒSÚN MÙÍYWÁ: A VELHA MAGIA AFRICANA NA CAPITAL DO PROGRESSO

O primeiro culto aos orixás no Brasil de que se tem notícia ocorreu na cidade de Salvador que concentrou, entre os séculos XIX e XX, os terreiros mais importantes da história do candomblé: Ilé Iya Naxo de Mãe Aninha (Engenho Velho) e seus derivados; o Gantois de Mãe Menininha;

e o Axé Opo Afonjá, em São Gonçalo do Retiro. No restante do país, o culto aos orixás se configurou de acordo com a desterritorialização impulsionada pelo emprego da mão de obra escravizada, conforme o desenvolvimento econômico das regiões. Posteriormente, a prática se expandiu em razão da migração para as cidades industriais do sul e sudeste do país. Nessas regiões, anteriormente, os bantus praticavam o catolicismo a partir da edificação das irmandades negras (OLIVEIRA, 2002). No entanto, em 1920, na cidade do Rio de Janeiro nasce uma nova religião, a umbanda.

A umbanda surge após uma dissidência com um kardecismo que rejeitava a presença de negros. É uma religião de sincretismo de valores, crenças e magias preservadas do kardecismo, catolicismo e candomblé. Essa multiculturalidade servia bem às metrópoles do sudeste que se industrializavam entre os anos 1920 e 1930.

A umbanda que nasce retrabalha os elementos religiosos incorporados à cultura brasileira por um estamento negro que se dilui e se mistura no refazimento de classes numa cidade que, capital federal [Rio de Janeiro], é branca, mesmo quando proletária, culturalmente europeia, que valoriza a organização burocrática da qual vive boa parte da população residente, que promovia o conhecimento pelo aprendizado escolar em detrimento da tradição oral e que já aceitou o kardecismo como religião, pelo menos entre setores importantes fora da Igreja Católica. (PRANDI, 1991, p.49).

No período pós-1930, os bairros periféricos da cidade de São Paulo ocupados pela população negra entraram no circuito da umbanda e, apenas nas décadas de 1950 e 1960, o candomblé se desenvolveu na capital paulista. O culto aos orixás na "capital do progresso" ocorreu em razão do trânsito de sacerdotes oriundos da umbanda e do candomblé que se estabeleceu entre São Paulo e Rio de Janeiro. Na então capital federal, os primeiros terreiros de candomblé surgiram a partir do processo migratório de baianos na condição de ex-escravizados e seus descendentes que chegavam em busca de trabalho, entre 1910 e 1940 (PRANDI, 1991; CUNHA, 2000). Assim, o candomblé

que surgiu em São Paulo guarda profundas relações com o Rio de Janeiro e a Bahia.

Muitos dos babalorixás e das ialorixás são reconhecidos na bibliografia por promover essa rota triangular do candomblé entre Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo, mas foi Joãozinho da Goméia o pai de santo mais influente na consolidação da religião no Sudeste. Na década de 1950, se observa uma relação entre o sacerdote, os terreiros fixados na Baixada Santista e certas casas de umbanda em São Paulo. Vavá Negrinha, Seu Bobó, Seu José de Oxóssi e Mãe Toloquê, são alguns dos pais e mães de santo responsáveis por esse trânsito. Nesse primeiro momento, as nações de candomblé reproduzidas em São Paulo são as mesmas presentes no Rio de Janeiro e mais difundidas na Bahia: queto, efã, angola, jeje-marrim e caboclo.

É importante ressaltar que o intercâmbio responsável pela chegada e expansão do candomblé em São Paulo não se deu apenas pelos pais e mães de santo do Rio de Janeiro e da Bahia, mas também quando os umbandistas paulistanos foram a essas mesmas cidades se iniciar no candomblé. Ou quando sacerdotes iniciados no Rio de Janeiro ou na Bahia migraram para São Paulo e abriram terreiros na cidade. Por fim, também pelos filhos que foram iniciados em São Paulo por mães e pais de santo que, por sua vez, também foram iniciados na cidade (PRANDI, 1990).

Joãozinho da Goméia teve papel importante na disseminação do candomblé em São Paulo entre meados dos anos 1950 e começo dos anos 1960, já que o babalorixá iniciou muitas pessoas e socializava com importantes líderes umbandistas da cidade. No Parque Peruche, por exemplo, ele foi responsável por iniciar Isabel de Omulu, ou Iya Kateçu, em 1962 — ialorixá do terreiro Ilê Ìyá Mí Òsún Mùíyá —, e sua filha carnal e herdeira Iya Wanda d'Osun, a Mãe Wanda, em 1964. As trajetórias religiosas dessas duas mulheres negras, apurada na entrevista com Mãe Wanda, são importantes para compreender a prática da umbanda em São Paulo, bem como a expansão do candomblé na cidade a partir do contato com líderes religiosos cariocas.

Isabel de Omulu, migrante de Guariba (SP), frequentou a umbanda durante 25 anos antes de se iniciar no candomblé (OLIVEIRA,

2002). Antes de se mudar da Barra Funda para o Parque Peruche com os filhos, na década de 1940, ela frequentava casa de umbanda no centro de São Paulo. Na Zona Norte, Isabel de Omulu frequentou inicialmente o terreiro de umbanda da Dona Lucrécia, na Rua Epaminondas Melo do Amaral (FIG. 1). Nos anos de 1960, a umbandista já não conseguia auxiliá-la com os seus problemas espirituais, assim Dona Isabel foi apresentada a Ya Tolu, filha de santo de Joãozinho da Goméia, que a orientou a se consultar com o babalorixá. Na época, o pai de santo frequentava a casa de umbanda do Tenente Eufrásio, nas imediações do Chora Menino (FIG. 1), e jogava búzios para quem quisesse. Após consultar Joãozinho da Goméia, Dona Isabel foi iniciada no candomblé por ele em 1961, no Rio de Janeiro. Em 1964, Mãe Wanda também foi iniciada pelo babalorixá. No barracão no baixo Peruche, próximo ao córrego Mandaqui (FIG. 1), que abrigava práticas de umbanda, passou a tocar candomblé, nascendo ali naquele chão o Terreiro Ilè Ìyá Mí Òsún Mùíyáwá.

Na reconstituição da trajetória religiosa de Isabel de Omulu e de Mãe Wanda, nos chama a atenção a relação entre Joãozinho da Goméia e o Tenente Eufrásio, uma figura proeminente na história da umbanda paulista (PRANDI, 1990). A ligação do babalorixá com o terreiro de umbanda localizado, segundo Mãe Wanda, nas imediações do Cemitério Chora Menino, na Avenida Imirim, foi um elemento importante para o seu contato com os umbandistas chefes de outras casas estabelecidas na Zona Norte de São Paulo naquele período (FIG. 5).

Apesar de Mãe Wanda afirmar, em sua entrevista, que não havia um contato direto entre os terreiros do Peruche e as casas de Salvador, a trajetória religiosa de Joãozinho da Goméia não deixa dúvidas sobre o trânsito entre Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo. Além do mais, a lembrança de Mãe Wanda sobre a ialorixá Dona Maria de Xambá, migrante de Pernambuco, atesta ainda mais esse intercâmbio sob o qual nasce o candomblé em São Paulo. Reginaldo Prandi (1990) revela que essa ligação entre os candomblés de São Paulo e de Pernambuco aconteceu em menor grau em comparação com o triângulo Bahia, Rio e São Paulo.

Assim, a história do terreiro Ilè Ìyá Mí Òsún Mùíyáwá, relatada por Mãe Wanda, é uma importante chave de análise que nos aproxima do processo da chegada e expansão do candomblé em São Paulo e de como ele constituiu e evidencia uma rede religiosa que permite caracterizar o Parque Peruche como território negro.

6. SAMBA PAULISTA E SAMBA CARIOCA: O CASO DA ESCOLA DE SAMBA UNIDOS DO PERUCHE

O samba paulista tem suas raízes no ritmo praticado nas festividades populares do santo padroeiro da cidade de Pirapora. Nos primeiros anos do século XX, a Festa de Bom Jesus de Pirapora era um meio de sociabilização negra, em que os festejos sagrados eram encerrados com o batuque e reunia homens negros de Sorocaba, Tietê, Campinas, Ribeirão Preto e São Paulo (OLIVEIRA, 2008; SANTOS, 2018). Em 1910, o samba de Pirapora já era praticado em três núcleos urbanos de São Paulo: Bexiga, Barra Funda e Baixada do Glicério (AZEVEDO, 2014).

Com o passar dos anos, o samba praticado nas festas em Pirapora gerou um incômodo em certos setores da cidade, como a Igreja Católica. Em 1937, a prática do batuque foi proibida nos barracões, o que acarretou a repressão policial contra a manifestação. Essa desestruturação do samba de Pirapora enfraqueceu a Festa de Bom Jesus, levando à articulação dos cordões e escolas de samba na cidade de São Paulo como um novo espaço para a prática social e cultural do negro (OLIVEIRA, 2008; SILVA, 2018). Personagens importantes para a história da Escola de Samba Unidos do Peruche, como Carlão e Geraldo Filme, vivenciaram o samba praticado em Pirapora.

Os anos de 1920 e 1930 assistiram à consolidação dos cordões carnavalescos e sua posterior conversão em escolas de samba. Em 1937, foi fundada a primeira agremiação paulista, a Lavapés, pela Madrinha Eunice e seu marido, Francisco Papa. O crescimento das escolas de samba de São Paulo nas décadas seguintes fez com que essas instituições estabelecessem parcerias e apoios com o governo, o comércio local, as rádios e os jornais. A atuação conjunta dessas organizações indica que havia uma tendência para que

os eventos paulistanos emulassem os cariocas, em razão da grande influência do carnaval do Rio de Janeiro entre os sambistas paulistas. Essa relação proporcionou a troca de práticas e saberes entre as duas metrópoles através das visitas realizadas por carnavalescos de São Paulo à então capital do país. Figuras como Dionízio Barbosa (Camisa Verde e Branco), Carlão do Peruche (Unidos do Peruche), Madrinha Eunice (Lavapés) e Seu Nenê (Nenê de Vila Matilde) foram personagens responsáveis por esse intercâmbio (AZEVEDO; OLIVEIRA, 2018). Seu Mané, ou Manezinho, também trouxe a São Paulo um repertório que combinava o samba carioca e paulista (SANTOS, 2018). Ele nasceu em Conceição da Aparecida (MG) em 1937, e foi criado até os 10 anos de idade no Rio de Janeiro. Em 1947, durante suas férias escolares, Manezinho visitou sua avó materna em São Paulo, que morava na Rua Santa Eudóxia, no Parque Peruche. Aos 13 anos de idade, se mudou definitivamente para a casa da avó. Manezinho introduziu aos paulistas o "baliza", conhecido em São Paulo como "mestre-sala", que já compunha os desfiles do Rio de Janeiro. Aos 18 anos de idade, ele passou a sair na Unidos do Peruche como mestre-sala.

O contato entre os sambistas paulistas e cariocas ocorreu dos anos de 1930 a 1950, quando os grupos negros e pobres marginalizados lutaram pela legitimação e legalização do batuque no cenário da urbanização intensa que ocorria em São Paulo. Com o interesse da elite branca paulista voltado para o "progresso", os núcleos de samba que ocupavam as regiões centrais, como Bixiga, Barra Funda e Baixada do Glicério, foram empurrados para as margens da cidade (SILVA, 2018). É nesse contexto que nasceu a Escola de Samba Unidos do Peruche, em 1956. Ao mesmo tempo, na cidade do Rio de Janeiro o desenvolvimento do samba desfrutava de apoio institucional municipal em razão do interesse do governo de Getúlio Vargas de forjar uma "identidade nacional" a partir da manifestação do carnaval, como prática do grupo negro (ALBERTO, 2011; AZEVEDO; OLIVEIRA, 2018). Nesse cenário, apesar do intercâmbio entre os sambistas paulistas e os cariocas, a oficialização dos desfiles de carnaval em São Paulo ocorreu apenas na década de 1960, enquanto no Rio de Janeiro a festa foi institucionalizada em 1935.

Na década de 1960, o samba paulista ganha força em razão da visibilidade dada pelas rádios às composições. O período também foi marcado por encontros realizados entre sambistas e estudiosos do ritmo (CUNHA, 2000; AZEVEDO; OLIVEIRA, 2018). Nos anos de 1962 e 1963, por exemplo, foram organizados o 1º e 2º Congresso Nacional do Samba, respectivamente, na cidade do Rio de Janeiro. Os encontros tinham por objetivo discutir a preservação das práticas tradicionais do samba frente à pressão da fábrica de discos para a importação do ritmo (1º CONGRESSO..., 1962; O QUE DIZEM..., 1962). Em 1966 e 1967, ocorrem o 1º e 2º Simpósio do Samba na cidade de Santos e, em 1969, aconteceu o 3º Simpósio do Samba no Rio de Janeiro. Esses encontros eram amplamente divulgados pela mídia carioca, conforme constatado nos jornais digitalizados disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira, e frisavam a participação de agremiações do Rio de Janeiro, São Paulo e outros estados (GUANABARA..., 1967). Esses encontros procederam a relação entre os sambistas cariocas e paulistas que havia se iniciado na década de 1930, estreitando laços com o passar do tempo.

O intercâmbio de sacerdotes do candomblé entre Rio de Janeiro e São Paulo pode também ter influenciado a troca de práticas e saberes relacionados ao samba. Diferentemente das origens do samba paulista, o ritmo carioca nasceu nos terreiros de candomblé. Nos primeiros anos do século XX, o samba do Rio de Janeiro era praticado e desenvolvido em reuniões promovidas nas casas dos pais e mães de santo oriundos da Bahia, responsáveis pela difusão do candomblé na cidade carioca (CUNHA, 2000). O batuque não se sobrepunha aos rituais religiosos, ocorrendo como meio da população negra reforçar suas formas de sociabilidade e seus padrões culturais, marginalizados há séculos.

Os grupos baianos de Salvador que já possuíam experiências anteriores em organizar-se em associações ou irmandades, que cumpriam funções de assistência social junto aos chamados "irmãos de cor", vão instalar suas moradias em bairros como a Saúde, ou próximos aos cais do porto, locais onde os preços dos aluguéis eram mais acessíveis; outros, ainda, se alojavam nos

cortiços em zonas centrais da cidade. A vivência destes aglomerados urbanos na organização de agrupamentos festeiros e de liderança aos rituais do candomblé trazem uma garantia de continuidade da vida mística e lúdica no Rio de Janeiro do início do século XX. (CUNHA, 2000, p.13-14).

Em um contexto histórico e social no qual o Estado adotava uma política ao mesmo tempo paternalista e repressiva em relação à cultura popular, o contato que alguns pais e mães de santo mantinham com as autoridades policiais foi importante para garantir o desenvolvimento das atividades de sociabilidade negra. Hilária Batista da Silva, Tia Ciata, por exemplo, conseguiu promover o samba em seu terreiro no Rio de Janeiro livre das repressões policiais. Foi em um dos encontros nesse espaço que nasceu o famoso samba "Pelo telefone", apesar da polêmica que envolve a autoria da música. O samba teria sido gravado pelo sambista Ernesto dos Santos (Donga) em 1913, mas foi fruto de uma composição conjunta com o carnavalesco João da Mata, o maestro Germano e a própria Tia Ciata (MOURA, 1995). Um pai de santo notório no circuito do candomblé que manteve intrínsecas relações com o samba que vinha sendo produzido nos morros cariocas foi Joãozinho da Goméia (LODY, 2002; PEREIRA, 2018). Entre 1950 e 1970, o babalorixá participou ativamente do carnaval carioca, saindo em desfiles e coreografando algumas alas. Por isso, acreditamos que sua presença no Parque Peruche, na década de 1960, também pode ser indicada como evidência do trânsito entre o samba carioca e o paulista.

7. CONCLUSÃO

As entrevistas concedidas nesta pesquisa permitiram formar uma compreensão do Parque Peruche como território negro. As práticas culturais, religiosas e sociais negras formuladas nos primeiros anos de ocupação do bairro e perpetuadas até os dias atuais, foram apreendidas a partir das memórias dos moradores e ex-moradores negros do Peruche.

Confrontados com a bibliografia, jornais da época e fontes oficiais, esses relatos permitiram reconhecer a expressiva presença negra na Zona Norte de São Paulo. A existência de organizações negras como a

Irmandade de São Benedito da Casa Verde e do Parque Peruche, da Escola de Samba Unidos do Peruche e do Terreiro Ilê Iyá Mí Òsún Mùíywá, indica que no Parque Peruche se estabeleceu uma rede de resistência. Essa desafiava a ordem social hegemônica e lutava pela superação da marginalidade do grupo negro. A luta pela equidade social, educação e promoção de cultura e lazer para a população negra estava sendo travada não apenas pelos intelectuais negros, mas também pela classe artística e pela própria população negra em geral.

A relação entre as organizações negras do Parque Peruche e suas respectivas instituições no Rio de Janeiro e na Bahia evidencia práticas e saberes herdados, ressignificados, transformados e reelaborados como formas de resistência pelo grupo negro. A territorialidade do Parque Peruche rompe não só as barreiras locais, mas também regionais ao ser composta pelo intercâmbio com os negros do Rio de Janeiro e da Bahia.

A população negra do Parque Peruche resistiu ao racismo e às adversidades cotidianas sob o ponto de vista econômico, em uma cidade que se expandiu e ainda hoje se estrutura a partir de práticas de exclusão social e racial. Apesar dessa resistência, observamos o deslocamento da população negra do bairro para núcleos ainda mais periféricos na Zona Norte da cidade. Essa tendência evidencia a necessidade de estudos que se valham da interseccionalidade entre espaço urbano e raça, para que possamos compreender os processos de exclusão que a população negra vem sofrendo até os dias atuais nas cidades brasileiras. É desafiador reconhecer os territórios marcados pela sociabilidade negra em nossas cidades em razão da tendência urbanizadora embranquecedora.

A pesquisa, que fundamentou este artigo, possibilitou apreender uma rede de candomblés, umbandas, irmandades, festas, banquetes e sambas que não só forjaram um território negro no Parque Peruche, na Zona Norte de São Paulo, mas também relações com os grupos negros do Rio de Janeiro e da Bahia. Reconhecer essas práticas e saberes é importante para prezarmos e preservarmos os valores dos grupos afro-brasileiros, que não se esgotam nos estereótipos midiáticos veiculados para a opinião pública.

NOTAS

1. Anhaia Mello defendia a contenção e o controle do crescimento da cidade de São Paulo por meio de zoneamento. Dessa forma, haveria o controle da especulação imobiliária e a definição da ocupação da cidade conforme a infraestrutura ofertada. Já Prestes Maia, pregava a expansão da mancha urbana da cidade por meio de um sistema viário que permitisse a circulação adequada de pessoas e mercadorias na cidade, ideia concretizada no Plano de Avenidas, de 1930 (SAMPAIO, 1999; SOMEKH, 1997).
2. Nos censos demográficos organizados pelo IBGE, as tabulações em relação a cor discriminam a população entre pardos e pretos. Neste trabalho, optamos por somar as duas categorias, compreendendo a população negra.
3. O Parque Peruche faz parte do distrito administrativo da Casa Verde. Visto que os censos não discriminam os dados de acordo com os subdistritos, tomamos as tabulações demográficas da Casa Verde para compreender a presença da população negra no Peruche.
4. Seu Carlão do Peruche relata que nos anos em que viveu na Baixada do Glicério, na década de 1940, foi detido pela polícia nas ocasiões em que praticou batuque no centro da cidade (SEU CARLÃO DO PERUCHE, 8 nov. 2018).
5. A Mãe Preta foi um símbolo que, supostamente, capturaria a contribuição do negro para a formação da sociedade brasileira. Essa noção não era consenso entre o movimento negro, sendo ora reivindicado e ora refutado pelos intelectuais negros cariocas. O monumento à Mãe Preta representava uma das contribuições dos negros para a fundação da nação, através da figura da ama de leite. A Imprensa Negra Paulistana, órgão de protesto da população negra, promoveu a discussão do monumento em seus jornais, como estratégia de reivindicação da inclusão do negro na sociedade brasileira. O monumento jamais foi construído no Rio de Janeiro, mas, em 1950, São Paulo recebeu um monumento à Mãe Preta.
6. Paulina Alberto (2011) aponta que a cultura baiana africana é antes um resultado do contato constante transatlântico com a África, iniciado pela busca das origens yorubás, do que uma herança de um passado colonial trulento.
7. São Benedito é um santo católico, canonizado após sua morte, em 1589. Na condição de filho de escravizados etíopes, viveu na Itália entre 1526 e 1589, realizando uma série de milagres.
8. João Alves Torres Filho, mais conhecido como Joãozinho da Goméia, nasceu em 1914 em Inhambupe, interior da Bahia. Aos 10 anos de idade se mudou sozinho para Salvador e, em 1930, foi iniciado no candomblé pelo pai de santo Severiano Manoel de Abreu. Posteriormente, fez o santo no terreiro de Gantois com a Mãe Menininha. Em 1946 mudou-se para o Rio de Janeiro, pois havia herdado o terreiro de sua madrinha, mas logo estabeleceu sua própria casa, onde construiu sua fama (LODY, 2002).
9. Dona Baduca, em entrevista concedida à pesquisadora, indicou que sua mãe confeccionava fantasias da ala da bateria da Escola de Samba Unidos do Peruche como forma de sustento (DONA BADUCA, 2 out. 2018).
10. Via coletora que conecta a Casa Verde Baixa, região onde se localiza o Parque Peruche, à Casa Verde Alta. Na parte baixa do Peruche, no que costumava ser a área de várzea do córrego Mandaqui, a Rua Zilda corria paralela ao córrego até cruzá-lo e subir a Casa Verde Alta. Foi justamente nesse trecho da Rua Zilda contido na várzea do Mandaqui, que se constituiu um território onde a Escola de Samba Unidos do Peruche e sua comunidade promoveram encontros, ensaios e desfiles.
11. A história das irmandades do Parque Peruche e da Casa Verde se confunde, pois na década de 1960 a primeira foi extinta. Com isso, os irmãos do Peruche se juntaram aos da Casa Verde. A união de todos os fiéis em torno de uma única instituição proporcionaria maior força de atuação à instituição.
12. Mãe Toloquê (Regina Célia dos Santos Magalhães) foi iniciada ainda na Bahia por Joãozinho da Goméia. Ela se mudou para o Rio de Janeiro nos anos 1940, onde tocou

candomblé por seis anos. Nos anos 1950 desceu para Santos, onde fundou o terreiro Axé Obioju, na Rua Prof. Francisco Domênio, 584, no Bom Retiro (PRANDI, 1990).

13. Nação no "[...] candomblé, expressa uma modalidade de rito em que, apesar dos sincretismos, perdas e adoções que se deram no Brasil, e mesmo na África, de onde procediam os negros, um tronco linguístico e elementos culturais de alguma etnia vieram a prevalecer" (PRANDI, 1990, p.19).

14. Mãe Wanda herdou a casa e o ofício de costureira após o falecimento de sua mãe carnal, em 2001.

15. O samba que seguia as festividades de cunho sagrado ao padroeiro de Pirapora era praticado nos barracões oferecidos pela organização do evento para o alojamento da população negra. Esses espaços eram vistos pela população branca que participava da festa como "lugar de promiscuidade, feitiçaria e o frenesi dos corpos ardentes pelo ruído dos tambores." (OLIVEIRA, 2008, p.170). Esses barracões também abrigavam as "nega-véia", quituteiras que faziam quitutes ali mesmo, ou já traziam comida pronta.

16. Seu Carlão do Peruche foi um dos carnavalescos responsáveis pela fundação da Escola de Samba Unidos do Peruche, atualmente é membro da velha guarda da escola.

17. Geraldo Filme foi um músico importante no circuito do samba paulista e compositor do samba enredo "Tradições e Festas de Pirapora", de 1971, da Escola de Samba Unidos do Peruche.

18. Seu Carlão do Peruche desfilou na Escola de Samba Lavapés entre os anos de 1947 e 1949. (SEU CARLÃO DO PERUCHE, 8 nov. 2018).

19. Em 1932, a Prefeitura de São Paulo criou um concurso de músicas e marchas carnavalescas, à luz dos eventos cariocas. Apesar de passageira, a iniciativa foi vista como uma indicação a favor da municipalidade ao carnaval (AZEVEDO; OLIVEIRA, 2018).

20. José Lino dos Reis, ou Manezinho, foi o primeiro mestre-sala do carnaval paulistano e desfilava pela Escola de Samba Unidos do Peruche.

21. Manezinho teve a oportunidade de conhecer "o maior mestre-sala do mundo", o delegado Hélio Laurindo da Silva (1921-2012), nas ocasiões em que frequentou a Estação Primeira da Mangueira, no Rio de Janeiro, com sua mãe (SANTOS, 2018, p.95).

REFERÊNCIAS

- 1º CONGRESSO tratará da preservação do samba. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ano 33, n.12.256, p.12, 29 out. 1962.
- ALBERTO, Paulina. **Terms of Inclusion**. Black Intellectuals in Twentieth-Century Brazil. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2011.
- AZEVEDO, Amailton Magno. São Paulo negra: Geraldo Filme e a geografia do samba paulista. **Revista da ABPN**, v.6, n.13, p.313-328, mar./jun. 2014.
- AZEVEDO, Clara de Assunção; OLIVEIRA, Felipe Gabriel. Para além do Anhembi: as escolas de samba de São Paulo e outras práticas de sociabilidade. **Ponto Urbe** [online], n.23, dez. 2018. Disponível em: journals.openedition.org/pontourbe/5906. Acesso em: jun. 2022.
- BAIRROS alagados. **Jornal de Notícias**, São Paulo, ano 3, n.836, p.12, jan. 1949.
- BARONE, Ana Cláudia Castilho. Negra ou Pobre? Migrante ou despejada? Carolina de Jesus e os enigmas da classificação (1937-1977). **Afro-Ásia**, Universidade Federal da Bahia, Salvador, n.59, p.43-75, 2019.
- BARONE, Ana Cláudia Castilho. Estratégias de aquisição da casa própria: a trajetória de algumas famílias negras paulistanas nas décadas de 1920 a 1940. **Anais do Museu Paulista**, v.28, p.1, 2020.
- BRITTO, Iêda Marques. **Samba na cidade de São Paulo (1900-1930)**: um exercício de resistência cultural. São Paulo: FFLCH-USP, 1986.
- CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. Ata da 73ª Sessão Ordinária da Câmara Municipal de São Paulo. São Paulo, 6 set. 1948.

- CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. Ata da 123ª Sessão Ordinária da Câmara Municipal de São Paulo. São Paulo, 14 jan. 1949.
- CUNHA, Fabiana Lopes. **Da marginalidade ao estrelato: o samba na construção da nacionalidade (1917-1945)**. 2000. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- DONA BADUCA. [Depoimento]. Entrevistadora: Maria Gabriela Feitosa dos Santos. São Paulo: Parque Peruche, 2 out. 2018. (22min. 13s.). Depoimento concedido para a pesquisa de Iniciação Científica desenvolvido pela autora como parte das pesquisas do Laboratório de Estudos sobre Relações Étnico-Raciais e o Espaço Urbano (LabRaça FAU-USP) coordenado pela Profa. Dra. Ana Cláudia Castilho Barone. 2 out. 2018.
- ESTADO DE SÃO PAULO. Arquivo Público (ApeSP). **Planta da Cidade de São Paulo e Municípios Circunvizinhos**. Organizada pela Repartição de Eletricidade da The São Paulo Tramway Light & Power Co. LTD. 1943. Disponível em: www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/documento_cartografico. Acesso em: fev. 2021.
- GUANABARA será sede do III Simpósio do Samba. **A Luta Democrática**: Um jornal de luta feito por homens que lutam pelos que não podem lutar, Rio de Janeiro, ano 14, n.4-239, p.7, 5 dez. 1967.
- IBGE — INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1940. **V Recenseamento Geral do Brasil — 1940**. Série Regional. Parte XVII — São Paulo — Tomo I. Censo Demográfico: População e Habitação. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/65/cd_1940_p17_t1_sp.pdf. Acesso em: ago. 2022.
- IBGE — INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1950. **VI Recenseamento Geral do Brasil — 1950**. Série Regional. Volume XXV — Tomo I. Estado de São Paulo — Censo Demográfico. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/67/cd_1950_v25_t1_sp.pdf. Acesso em: ago. 2022.
- IBGE — INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1960. **VII Recenseamento Geral do Brasil — 1960**. Série Regional. Volume I — Tomo XIII. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/68/cd_1960_v1_t13_sp.pdf. Acesso em: ago. 2022.
- IBGE — INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1970. **VII Recenseamento Geral do Brasil — 1970**. Série Regional. Volume I — Tomo XVIII — 2º Parte. Resultados segundo as Microrregiões e Municípios. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/69/cd_1970_v1_t18_p2_sp.pdf. Acesso em: ago. 2022.
- IBGE — INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1980. **IX Recenseamento Geral do Brasil — 1980**. Série Regional. Volume I — Tomo 4 — Número 19. Censo demográfico: dados gerais, migração, instrução, fecundidade, mortalidade. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/72/cd_1980_v1_t4_n19_sp.pdf. Acesso em: ago. 2022.
- LODY, Raul. Joãozinho da Goméia: o lúdico e o sagrado na exaltação ao candomblé. In SILVA, Vagner Gonçalves (Org.). **Caminhos da alma**: memória afro-brasileira, São Paulo: Summus, 2002. p.153-182.
- MÃE WANDA; DONA ODETE. [Depoimento]. Entrevistadora: Maria Gabriela Feitosa dos Santos. São Paulo: Parque Peruche, 9 fev. 2019. (1h 10min. 42s.). Depoimento concedido para a pesquisa de Iniciação Científica desenvolvido pela autora como parte das pesquisas do Laboratório de Estudos sobre Relações Étnico-Raciais e o Espaço Urbano (LabRaça FAU-USP) coordenado pela Profa. Dra. Ana Cláudia Castilho Barone. 9 fev. 2019.
- MENDES, Andrea. **Vestidos de realza: fios e nós centro-africanos no candomblé de Joãozinho da Goméia**. Duque de Caxias/RJ: APPH-CLIO, 2014.
- MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretária Municipal de Cultura (Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural), 1995.
- OLIVEIRA, Reinaldo José de. **A Presença do negro na cidade**: memória e território da Casa Verde em São Paulo. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.
- OLIVEIRA, Reinaldo José de. **Segregação urbana e racial na cidade de São Paulo**: as periferias de Brasilândia, Cidade Tiradentes e Jardim Ângela. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- OLIVEIRA, Reinaldo José de (Org.). **A cidade e o negro no Brasil**: cidadania e território. São Paulo: Alameda, 2. ed., 2013.
- OS BAIRROS da Berlinda: Casa Verde, mundo perdido e abandonado dentro mesmo de São Paulo. **O Correio Paulistano**, São Paulo, ano 94, n.27.991, p.24, jun. 1947.
- O QUE DIZEM...O que falam. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ano 33, n.12.267, p.53, 12 nov. 1962.
- PEREIRA, Rodrigo. Memórias do Terreiro da Goméia: entre a sacralidade e a dessacralização. **VIRUS**, São Carlos, n.16, 2018. Disponível em: www.nomads.usp.br/virus/virus16/?sec=4&item=1&lang=pt. Acesso em: jun. 2022.
- PRANDI, Reginaldo. Linhagem e legitimidade no candomblé paulista. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v.5, n.14, p.18-31, out. 1990.
- PRANDI, Reginaldo. **Os candomblés de São Paulo**: a velha magia na metrópole nova. São Paulo: Editora Hucitec; Edusp, 1991.
- QUINTÃO, Antônia Aparecida. **Irmandades negras**: outro espaço de luta e resistência (1870-1890). 1991. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.
- ROLNIK, Raquel. Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. **Revista de Estudos Afro-Asiáticos 17 — CEEA**, Universidade Cândido Mendes, set. 1989. Disponível em: raquelrolnik.files.wordpress.com/2013/04/territ3b3rios-negros.pdf. Acesso em: fev. 2022.
- SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de (Coord.). **São Paulo 1934-1938**: os anos da administração Fábio Prado. São Paulo: FAUUSP, 1999.
- SANTOS, Bruno Garcia dos. **Memórias afrodiaspóricas em território negro paulista**: práticas ancestrais no Parque Peruche. 2018. Dissertação (Mestrado em História Social) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.
- SEU CARLÃO DO PERUCHE. [Depoimento]. Entrevistadora: Maria Gabriela Feitosa dos Santos. São Paulo: Brasilândia, 8 nov. 2018. (41min. 24s.). Depoimento concedido para a pesquisa de Iniciação Científica desenvolvido pela autora como parte das pesquisas do Laboratório de Estudos sobre Relações Étnico-Raciais e o Espaço Urbano (LabRaça FAU-USP) coordenado pela Profa. Dra. Ana Cláudia Castilho Barone. 8 nov. 2018.
- SILVA, Gleuson Pinheiro. As escolas de samba negras da periferia e a hierarquia do carnaval paulistano: difíceis acessos. Pós. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-USP**, v.28, e.173 321, 2021.
- SOMEKH, Nadia. **A cidade vertical e o urbanismo modernizador**. São Paulo: Studio Nobel; Edusp, 1997.
- WISSENBACH, Maria Cristina. **Sonhos africanos, vivências ladinas**: escravos forros em São Paulo (1850-1880). São Paulo: Hucitec, 1998.
- ZUMBANO, Sr. Higino. Tem a palavra o povo. **Jornal de Notícias**, São Paulo, ano 1, n.64, p.8, ago. 1946.
- ZUMBANO, Sr. Higino. Os bairros na berlinda: Casa Verde. **O Correio Paulistano**, São Paulo, ano 94, n.27.984, p.5, jun. 1947.

SOBRE A AUTORA

Arquiteta e urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em 2021. Atualmente é assistente de projetos no Instituto Pólis e membro do Laboratório de Estudos de Cultura, Cidade e Diáspora (LabDias) — antigo Laboratório de Estudos sobre Relações Étnico-Raciais e o Espaço Urbano (LabRaça) —, da FAU-USP.
mariafeitosantos@gmail.com